

OFF OS ÚLTIMOS

DOSSIÊ DE APRESENTAÇÃO

Obra literária inédita • Roteiro/adaptação audiovisual pronto

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

Material destinado a editoras, agentes literários e produtoras audiovisuais

1. Ficha da obra

Título: OFF — OS ÚLTIMOS

Autor: Juvêncio Marins

Gênero: Ficção científica distópica / thriller especulativo / suspense

Extensão: 360 páginas

Estágio de desenvolvimento: Obra inédita. Manuscrito apresentado em 48 capítulos.

Roteiro/adaptação audiovisual pronto.

Público-alvo: Leitores adultos e jovens adultos interessados em distopias, ficção científica, suspense, regimes de controle, memória, identidade e liberdade.

Formato de exploração: parceria, coprodução ou avaliação do PI para edição literária, adaptação audiovisual e multiplataformas

2. Pitch

Instantaneamente, bilhões de seres humanos são 'desligados', tornam-se inertes onde quer que estejam, param de agir, falar, comer e reagir, permanecendo vivos até o colapso dos seus corpos por inanição, perda e inabsorção de líquidos. É o Dia OFF. Dele, outra civilização surge. E nesta, um cruel sistema de castas é estabelecido. Sobre as ruínas da civilização, a REDE constrói nove megacidades, classifica seres humanos por números e transforma sobreviventes em integrantes de uma rígida sociedade de castas. Lúcia, uma professora que vive fora desse sistema, recebe um livro proibido de um homem conhecido apenas como o Escritor. Ao descobrir que ler pode ser uma forma de impedir o “desligamento”, ela se torna parte de uma rebelião contra o Grande Curador. OFF - OS ÚLTIMOS contém distopia, conspiração, suspense, multifacetas, ação extrema, lirismo e ficção científica e histórica, em um universo pronto para adaptação audiovisual (série ou longa), editorial e multiplataformas.

3. Sinopse

Depois do Dia Off, o mundo conhecido deixa de existir. Milhões de pessoas permanecem vivas, mas perdem progressivamente a capacidade de falar, agir, alimentar-se e reagir, até a morte. As antigas nações desmoronam e, sobre seus escombros, consolida-se a REDE, estrutura de poder que governa nove megacidades e organiza os sobreviventes em castas numéricas.

Fora desse sistema sobrevivem comunidades, nômades, dissidentes e pessoas que ainda preservam fragmentos da vida anterior. Em Vila Mirante, Lúcia, uma jovem professora, entra em contato com um livro proibido deixado por um homem conhecido apenas como o Escritor. O texto contém uma afirmação capaz de transformar o livro em ameaça política: ler, pensar, calcular, recordar e transmitir conhecimento podem impedir o desligamento.

A descoberta coloca Lúcia no caminho dos preceptores — agentes humanos modificados e submetidos à REDE — e a aproxima de uma resistência que não luta apenas contra um governo. À medida que o conflito se amplia, torna-se evidente que o verdadeiro campo de batalha é a memória: quem controla as lembranças, os registros e as versões do passado controla também aquilo que os sobreviventes acreditam ser possível.

O Livro Proibido passa de objeto perseguido a instrumento de insurreição. As nove cidades, seus dirigentes e os próprios agentes da REDE começam a ser afetados por escolhas que o sistema pretendia eliminar. Lúcia, o Escritor e seus aliados descobrem que a disputa alcança uma dimensão ainda mais profunda: não se trata somente de saber quem governará o mundo depois do Dia Off, mas de determinar quem poderá contar sua história — e quem terá o direito de continuar sendo uma pessoa, em vez de uma função definida por outra vontade.

OFF — OS ÚLTIMOS desenvolve uma distopia em que leitura, memória, identidade e livre-arbítrio se tornam elementos concretos de sobrevivência, enquanto a luta contra a REDE avança das comunidades periféricas ao núcleo das nove megacidades.

4. Diferenciais e posicionamento

Premissa de comunicação imediata. O Dia Off estabelece um evento de alto impacto: seres humanos permanecem biologicamente vivos, mas deixam de reagir, até morrerem em poucos dias, enquanto uma nova ordem se ergue sobre o colapso.

Conflito entre tecnologia, poder e humanidade. A REDE não é apenas um aparato tecnológico: ela reorganiza sociedade, identidade, memória e autoridade.

Leitura como mecanismo dramático. Livros, escrita, memória e pensamento não funcionam apenas como temas; interferem diretamente na sobrevivência e na resistência dos personagens.

Universo expansível. As nove megacidades, as castas, os preceptores, a resistência e as diferentes versões do Livro permitem múltiplos núcleos narrativos dentro do mesmo universo ficcional.

Mistura de gêneros. A narrativa reúne ficção científica distópica, suspense, ação, thriller político e ficção especulativa.

Camada metanarrativa. A disputa evolui do controle social para o controle da memória e da própria narrativa, ampliando o conflito sem abandonar a ação.

5. Potencial audiovisual, editorial e comercial

A obra se posiciona no campo da ficção científica distópica de alta premissa, com um conceito que pode ser comunicado de forma breve — o Dia Off — e desenvolvido em uma narrativa de maior complexidade.

O conflito central permite apresentação tanto ao público de ficção especulativa quanto ao público de suspense, conspiração distópica e thriller, sem depender de conhecimento técnico prévio. O vocabulário próprio e as cenas do universo do PI — REDE, Dia Off, preceptores, nove cidades, castas e Livro Proibido — favorecem identidade reconhecível para a obra, com propósitos que dialoguem com diferentes públicos e plataformas audiovisuais e literárias.

A existência de um universo com diferentes enfoques narrativos (ora narrado pelo autor, ora narrado pelos próprios personagens), com cidades, grupos e disputas amplia as possibilidades de continuidade narrativa e de exploração audiovisual e editorial de histórias relacionadas ao mesmo mundo ficcional.

6. Potencial de adaptação audiovisual

Conceito visual forte. O contraste entre comunidades sobreviventes, megacidades controladas pela REDE, tropas de preceptores, castas numéricas e o Livro Proibido oferece identidade visual própria.

Escala narrativa. A história comporta cenas íntimas de sobrevivência e memória, perseguições, ação, rebelião e acontecimentos simultâneos em diferentes cidades.

Estrutura serializável. Os múltiplos núcleos, cidades, personagens e camadas de revelação permitem organização episódica, sem impedir uma adaptação concentrada para longa-metragem.

Motor dramático. A pergunta sobre quem permanece consciente, quem controla as memórias e quem decide a versão legítima da história produz conflito contínuo.

Material já desenvolvido. Além da obra literária inédita, o projeto dispõe de roteiro/adaptação audiovisual pronto.

7. Público-alvo

Leitores e espectadores de ficção científica, distopia, suspense e thriller especulativo, especialmente interessados em histórias sobre controle social, memória, identidade, tecnologia, resistência e livre-arbítrio. A narrativa pode alcançar público adulto e jovem adulto.

8. Sobre o autor

Juvêncio Marins é escritor, jornalista, professor, historiador. Foi cronista no Jornal da Bahia e na Tribuna Feirense. Finalista por três vezes do Prêmio SESC de Literatura, venceu os Prêmios Letras de Salvador e Mentres Verdes. É autor de obras de ficção e desenvolve também projetos com possibilidade de adaptação para outras linguagens, inclusive editoriais e audiovisuais.

9. Obras publicadas

- Crônicas e Contos que a Bahia Conta
- A Ordem de Bridge
- Blindfolded — Vol. I: Reação (também editado em formato HQ)
- A Regra — Vol. I: O Homem que Nunca Existiu
- Ponto Final
- A Irmandade da Cobra que Fuma
- A Casa de TR
- A Letra Morta
- A Casa Número 11 — Vol. I: O Assassino do Cano Duplo
- A Casa Número 11 — Vol. II: O Homem sem Rosto

10. Informações e contatos do autor

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

E-mail: maisde3neuronios@protonmail.com

Telefone / WhatsApp: (55 71) 99626-4779

Site: www.maisde3neuronios.com

AMOSTRA DA OBRA

Capa, elementos iniciais, prólogo e capítulos 1 a 8



JUVÊNCIO MARINS

OFF!

os últimos

Ler não é maldição, ler é a solução

Ficção pode ser contada de muitas maneiras e ter diferentes tipos. Pode ser narrada na primeira pessoa ou por mais de uma pessoa. Contada por um ou mais personagens em conjunto ou não com o autor, como ocorre, neste livro, com a personagem 'Lúcia' e com o personagem conhecido como 'Escritor', narradores das aventuras do mundo das *safras-base*, instituído pela REDE, após o dia *Off*, no livro *proibido*, o livro que não devia ser pronunciado. No entanto, ficção será sempre ficção. Ao menos até o dia em que a confundirem com a realidade, após ser colocada em prática.



ARQUITETURA DA REDE



Nove cidades. Um Conselho. Uma estrutura de controle.

A REDE

Conselho das Nove Safras-Base

Livro das Safras-Base

Classificação normativa — anos 1 a 9999

ESTRUTURA SOCIAL E FUNCIONAL DA REDE

CATEGORIA	DEFINIÇÃO OFICIAL
SAFRAS-BASE — SB	Cidadãos das nove cidades e núcleo dirigente da REDE.
SAFRAS-AGREGADAS — SA/AG	População civil incorporada e subordinada às respectivas Safras-Base.
PRECEPTORES	Força de segurança, vigilância, captura e repressão da REDE.
SERVOS TIPO A	Força braçal destinada ao trabalho pesado, manutenção e produção.
SERVOS TIPO B	Servos de recreação, exibição, competições e entretenimento privado.
SERVOS TIPO C	Humanos utilizados como fornecedores de matéria-prima genética e recursos biológicos.
SEGREGADOS	Sobreviventes livres situados fora do controle territorial e administrativo da REDE.

SISTEMA NUMÉRICO DAS SAFRAS

Regra 18: Pertencem às **SB** as pessoas nascidas entre o ano **1 d. C.** até o ano **9999 d.C.**, cuja soma dos números do ano de nascimento resultar em números entre **1 a 9**.

SAFRAS-BASE > SB

SB 1	SB 2	SB 3	SB 4	SB 5	SB 6	SB 7	SB 8	SB 9
------	------	------	------	------	------	------	------	------

Tome como exemplo o número de **Safra Base 3**, que será encontrado na soma dos anos:

ano **3** = **SB 3**; ano **102** = $1+0+2$ = **SB 3**; ano **1020** = $1+0+2+0$ = **SB 3**;

ano **2001** = $2+0+0+1$ = **SB 3**; ano **2010** = $2+0+1+0$ = **SB 3**; ano **2100** = $2+1+0+0$ = **SB 3**;
etc

Regra 19: Pertencem às **SA** as pessoas nascidas entre o ano **1 d.C.** até o ano **9999 d.C.**, cuja soma dos números do ano de nascimento resulte em números entre **10 a 36**, e serão agregadas às **SB** respectivas.

SAFRAS AGREGADAS > SA > AG > SB

SA 10	SA 11	SA 12	SA 13	SA 14	SA 15	SA 16	SA 17	SA 18
AG 1	AG 2	AG 3	AG 4	AG 5	AG 6	AG 7	AG 8	AG 9

SA 19	SA 20	SA 21	SA 22	SA 23	SA 24	SA 25	SA 26	SA 27
AG 1	AG 2	AG 3	AG 4	AG 5	AG 6	AG 7	AG 8	AG 9

SA 28	SA 29	SA 30	SA 31	SA 32	SA 33	SA 34	SA 35	SA 36
AG 1	AG 2	AG 3	AG 4	AG 5	AG 6	AG 7	AG 8	AG 9

Exemplo Safra Agregada 10: ano $2026=2+0+2+6=10$; ano $2035=2+0+3+5=10$; ano $2044=2+0+4+4=10$ **Regra 21:** Para saber à qual **SB** a pessoa pertencerá como agregada (**AG**), por ter nascido em algumas das safras entre **10 a 36**, soma-se o número da safra agregada em que nasceu, reduzindo-o a um dígito, como nesse exemplo: **SA 10** = $1+0=$ **AG 1**

Regra 39: Mantenha visível o seu número **SB** ou **AG** quando for solicitada sua verificação, quando deslocar-se ou for instado a comparecer diante de um agente da REDE.

PRÓLOGO

(narrado por Lúcia)

em um certo dia não muito comum

Conhecidas como Georgia Guidestones, as pedras guias eram um monumento em granito localizado na Geórgia, nos Estados Unidos, e nele estavam gravadas dez frases em oito línguas modernas: inglês, espanhol, árabe, chinês, russo, hindi, hebreu e suali. No topo, havia uma mensagem escrita em quatro outras línguas, antigas e praticamente inexistentes: o babilônio, o sânscrito, o grego e o egípcio hieroglífico. O local tinha seis pedras dispostas geometricamente. Uma no centro, outra no alto, com outras quatro ao redor, posicionadas verticalmente. Todo o monumento media cerca de 6 metros e utilizava 27 metros cúbicos de granito. Juntas, pesavam mais de 119 toneladas.

Nada disso importava àquela pessoa jovem de cabelos empastados e pele macilenta, que portava uma carta, um exemplar de *Bomba Populacional* de Paul Ralph Ehrlich e o crachá de identificação de um clube, sentada junto delas, à sombra da que formava o teto. Embora não houvesse viva alma ali, hesitantemente, ela juntou pedrinhas ao lado dos sapatos sujos e olhou em volta com a respiração ofegante. Seus olhos fixaram os textos lapidados, e compreenderam o trecho em inglês sobre a urgente redução da população mundial, o que a fez sacudir a cabeça, inspirar profusamente e sentar-se. Na verdade, arriou o corpo, como se fosse um saco, e virou o pescoço para as longínquas construções, onde sabia estavam pessoas com os mesmos sintomas que viu durante o dia na televisão:

“As autoridades sanitárias da OMS não se pronunciaram, mas o governo pede que todos permaneçam em suas residências, aguardando instruções, apesar das ocorrências em todo o mundo”.

As mãos crispavam a terra, com um silvo percorrendo seus ouvidos. A boca abriu e por mais que tentasse não conseguia lacrá-la. A língua parecia pronta a desprender-se. Os dentes afrouxavam. As bochechas amoleceram. Voltou a visão para o sol, que recobria os prédios e se distanciava. O vento esfriou repentinamente e anunciou chuva. Notou pássaros e focou o olhar neles por minutos. Aves que pareciam desinteressadas. Enquanto os chuviscos surgiam, recolheu os joelhos e ficou em silêncio, com os olhos revirados e

quietos, as mãos vergadas e brancas, e o pescoço alquebrado, como aconteceu com os seus parentes, com os vizinhos e com tantos outros que cruzou pelo caminho.

Um helicóptero pintado de azul e branco fez um giro, pairando sobre as pedras. Então, mirou o relógio no pulso, enquanto acompanhava a aproximação do grupo encapuzado, com vestimentas brancas e amarelas, óculos e máscaras contra gases, armas e sacolas grandes. Um homem se ajoelhou e percorreu o seu corpo com um instrumento retangular, de uns 15 centímetros, parecido com um celular, em cuja tela surgiram números emaranhados, que mudavam de posição e desapareciam até restar uma sequência em vermelho iniciada com o número 1 e seguia até o 9. As palavras ‘*safra*’ e ‘*base*’ apareceram, e o número 9 reluziu com força, alterando sua cor para o verde. Foi o suficiente. O homem balançou a cabeça e disse:

— Levem para o helicóptero. Ninguém deverá saber nada sobre essa pessoa.

O homem refletiu um momento, depois disse:

— Levam para o laboratório.

Pegou a carta, o livro de Paul R. Ehrlich e o crachá no chão. Levantou-se, exibiu o resultado e sacudiu os contornos do corpo dentro do uniforme amarelado, dando as costas para a jovem pessoa, que viu escrita a palavra REDE, circundada por algarismos, na parte de trás da indumentária dele, a mesma palavra insculpida na lataria do ruidoso helicóptero. Ali tudo começaria, ou como os tempos mostrariam, terminaria, conforme me contou. Foi dessa forma que aconteceu, antes dele gritar e fazer o disparo, sob o olhar do dono do mundo e da sua *robot ponygirl*, durante a rebelião.

CAPÍTULO 1

(narrado pelo Escritor no Livro proibido)

Em algum lugar do território brasileiro, durante e após o dia Off

Certa vez alguém disse: leia ou vegete.

Frase que hoje entendo como totalmente apropriada. A Terra estava transformada num esqualido mundo repleto de pessoas que paravam e sentavam onde quer que estivessem. Desligadas para definhar até a morte. A partir daí, não comiam e nem mastigavam nada colocado em suas bocas. Não bebiam e muito menos engoliam. Também não falavam e nem se expressavam de algum modo. Não moviam os corpos, permanecendo com olhos parados, pescoços caídos para o lado, imóveis, desprovidos de reações. Vivos (somente na acepção da palavra), no entanto, inertes, literalmente à espera da morte.

Notícia ruim não levada a sério: o plano foi urdido e posto em prática há décadas através da tecnologia geneticista, que permitiu a introdução de micro-organismos (nanochips orgânicos) na alimentação, nos dentífricos, no material estético e de limpeza, nos medicamentos, vacinas e nas bebidas. Uma perversa, maquiavélica e imperceptível apoderação dos neurônios, dos sistemas linfáticos, elétricos e psicossomáticos humanos.

Ora, como duvidar da maciça divulgação positiva dos avanços genéticos? A controlada imprensa empurrando diariamente as benesses da reestruturação genética. Um suposto futuro transhumanista, nootrópico, sem doenças e com superinteligência, pelo manuseio da nanotecnologia capaz de interagir e alterar o funcionamento dos 86 bilhões de neurônios do sistema nervoso humano, inserindo proteínas e novos códigos nos seus dendritos para, supostamente, incrementar as sinapses cerebrais, livrar os corpos de males e doenças, proporcionar vida longa, enfim: o sonho humano de imortalidade. Mentira. Se, via membranas plasmáticas, os neurônios recebem, continuamente, substâncias e impulsos eletroquímicos, nas sinapses dos dendritos, axônios e telodendritos, originários de milhões de células, via correntes eletrobiológicas; como neurotransmissores, uma vez estando os neurônios associados aos nanochips orgânicos (das bebidas, medicações e alimentos geneticamente alterados), estaria armado o aparato para o momento de desligar remotamente as pessoas, eliminando-as sem uma única bala.

A maior tragédia da história humana: o *dia off*.

Nem mesmo um milhão de ficcionistas suporia algo assim, e que tal fosse obra humana: a mais que perfeita forma de extermínio e reorganização humana. Tudo tão disciplinado como nos lemas forjados por Ignácio de Loyola para a Companhia de Jesus. Tão pragmático quanto as propostas de Albert Pike e Aleister Crowley. Tão previsível como nos ensinamentos de Paul R. Ehrlich. Sem guerras (*que poderiam respingar nos que as provocassem*), sem pragas (*que talvez saíssem do controle*), sem avisos. Quase toda humanidade foi desligada. Mais de seis bilhões de seres humanos. Se alguém gargalhava e achava esquisitas as teorias de conspiração, de nanotecnologia e de redução da população global, lamento informar, sou portador de péssimas notícias.

Começou nos subterrâneos das cidades, dentro das extensas linhas do metrô, e logo transformou a Terra num planeta quase sem vida. Eram pessoas como qualquer outra. Nas primeiras semanas, 90% da população mundial foi dizimada. Tudo sem um único tiro, sem bombas, doenças ou convulsões sociais. Os mais resistentes sobreviveram mais algum tempo. Os mais fracos morreram em dias. Os sintomas eram parecidos e não levavam em conta a idade, sexo, etnia, condição social ou financeira.

Divulgaram tratar-se de epidemia passageira e que as autoridades sanitárias da Organização Mundial da Saúde logo a solucionariam. Os ambulatórios e os hospitais ficaram apinhados, enquanto a solução não aparecia. A coisa se espalhou e contaminou mais humanos, mesmo os inicialmente imunes. Quando a raça humana acreditou ter alcançado a plenitude tecnológica, repentinamente, viu-se pronta para retornar às mais barbas trevas: o planeta colapsou.

Sem humanos suficientes para manter a estrutura do mundo, o caos aboliu a ordem. Tudo paralisou. Transportes, serviços, fornecimento de energia, internet, gás e água. O comércio desapareceu. As escolas e universidades foram abandonadas. As indústrias e a agricultura reduziram a produção. Logo a ruína predominou. Aviões caíram. Tragédias no metrô e nas linhas férreas. Navios descontrolados invadindo portos. Carros desgovernados, batendo uns nos outros. Acidentes colossais provocados pela inamovibilidade dos que ficaram conhecidos como os *humanos off*, os desligados.

Milhões que simplesmente pararam, sentaram e formaram um mar amorfo e silencioso, um capinzal humano que não comia, não reagia. Mulheres e homens inanimados com olhos abertos à espera da morte. Foram estuprados e assassinados. A vida humana chegou ao nível mais baixo na história. Formaram-se grupos de justiceiros por todo o planeta. Para eles, o mal deveria ser eliminado na raiz. Nada de hospitais. Zero de assistência ou pesquisas para conter a epidemia, que seria resolvida com chumbo.

Preferencialmente na cabeça. O som dos tiros varou os dias e tingiu com sangue os trens, as praças e os escritórios. Vigilantes pregavam cartazes com a palavra *off* nas portas e janelas como avisos e voltavam no dia seguinte para matar. Tolos todos os justiceiros e vigilantes. Mataram-se desesperadamente, quando entre eles mesmos surgiram desligados.

Havia covas rasas e coletivas, sem nenhuma identificação. Recordo o desagradável e repugnante odor dos crematórios e da fumaça resultantes dos grandes incêndios assépticos das cidades, com suas chamas horrorosas. Terrível saber quem estava por trás do plano para eliminar e segregar através da infame *Tabela das Safras-Base*, que classificava os humanos por números e designava quem e como viveria, e, óbvio, quem comandaria. As piores castas da história. No topo, os das 9 safras-base, protegidos pelo estamento militar e científico (*preceptores sem olhos, micro-drones psíquicos MTX-12 e seus malditos escâneres numéricos*), servidos pelos das safras-agregadas (*que compunham a população geral*) e por escravos de três categorias: tipo A: designados para força braçal; tipo B: para entretenimento sadomasoquista (*mulheres e homens transformados em objetos como pet's e robot slave — para atividades sexuais; ponygirls e ponyboys — para corridas*) e tipo C: escravos para fornecimento de matéria-prima genética (*como órgãos, sangue menstrual, sêmen ou leite materno, utilizados na fabricação de nootrópicos para alongar a vida, consumidos pelos das safras-base*).

Escrevo um tempo à frente, após o estabelecimento do novo sistema, da nova estratificação e da escravidão. Entretanto, na época, encontrei uma espécie de cura. Era uma manhã como tantas outras e atingiu minha mãe. No seu rosto o mesmo olhar catatônico das vítimas. Após dois dias a levamos ao hospital, porque o seu corpo apresentava os primeiros sintomas de falência. Foi o primeiro dos muitos dias tristes da minha existência. Meu irmão e minha cunhada foram os próximos, e depois meus amigos e colegas, com os mesmos sintomas, as mesmas formas de apatia.

Quando fui buscá-la, vaguei desesperançado, desviei dos mortos e evitei os *humanos off*. No hall vazio do hospital, vi macas e balcões abandonados, documentos e remédios espalhados, com luzes tremeluzentes e telas de computadores e televisores piscando. Circulei pelos corredores penumbrosos até encontrar a enfermeira. A mesma mulher negra e magra, com cerca de quarenta anos, que me ajudou na internação. Seu nome era Elisabeth. Estava sentada, e segurava um livro e um rolo de crochê. Perto dela, no chão, estavam quatro auxiliares e médicos. Um atendente esbarrou em mim e deixou cair o tablete com um livro digital na tela. Notei que o aparelho funcionava

intermitentemente e explicou tê-lo recarregado na fonte autônoma do hospital. Elisabeth me reconheceu e levou-me até minha mãe. Retirou os túbulos e equipamentos e eu a peguei nos braços. Ao retornarmos, percebi o rapaz sentado junto dos outros, batia no tablete e seu pescoço alquebrava com gestos lentos e espaçados. Fitou-nos com um olhar apagado e perguntou:

— Ouviram... ouviram... o silvo?

A enfermeira sacudiu os ombros.

— Ramon, que pena. Será outro para a estatística — murmurou e colocou-o numa maca.

— Que silvo?

— Não é a primeira vez que ouço isso. Perguntam pelo silvo, antes de desligarem.

— Não recordo de ter escutado isso de minha mãe.

— Não deve ter reparado. Repetem a mesma coisa. Um silvo somente escutado por eles.

Olhei outra vez para Ramon. Agora olhava para baixo, com braços sem movimentos. Elisabeth bateu nas minhas costas, despediu-se e tornou a sentar, reabrindo o livro.

— Não há mais nada para fazer — reiterou.

Ela meneou o pescoço como se tivesse ouvido uma piada.

— Não tem muito para fazer aqui, como vê — disse e ajeitou o soro no braço dele.

Elisabeth olhou para ele e disse:

— Quando morrer, eu o levarei para o necrotério com os outros.

Ela sacudiu a cabeça. Fiz outra pergunta:

— O fedor não incomoda você?

— Aqui fede menos do que lá fora — respondeu.

O necrotério estava entupido e o fétido odor transpassava os corredores. Ali não era mais lugar para salvar vidas. Ela estava certa. O fedor era menos intenso que nas ruas.

— Onde vai enterrá-la?

Senti-me incomodado com a pergunta, afinal minha mãe respirava. Ela corrigiu-se:

— Depois da morte, claro.

— Perto de casa — expliquei.

Elisabeth moveu os lábios e disse:

— A cidade vai ser queimada.

Desviei o olhar.

— Em todo caso...

— Para onde vai?

— Ficarei aqui. Não tenho para onde ir. Pelo menos até o fogo começar.

— Já ouviu o silvo?

Elisabeth pareceu impaciente. A palavra '*imbecil*' ribombou na sua mente. Seus olhos diziam isso.

— Óbvio que não, senão já seria como eles — rebateu.

Pausou, fechou o livro e puxou o rolo do crochê.

— Deixe-a comigo. Cuidarei dela até o fim. Sei como me virar — disse.

Ela continuou com as vistas na agulha que cosicava:

— Ramon não cessava a leitura. Na ausência do que fazer, devorou meus livros, e depois enveredou na leitura digital. Detesto essas coisas, nunca tive nem celular — disse.

Ela recolheu o casaco.

— Se precisar de algo — eu lhe disse.

— Tenho seu endereço, talvez vá lá.

Elisabeth mirou minha mãe:

— Lamento.

Não respondi.

— Sobreviverá por mais alguns dias se a deixar aqui. Fique no quarto com ela.

— Obrigado...

— Bem...

— Venha comigo.

Elisabeth coçou a testa.

— Melhor não — disse, procurando o livro nas roupas.

Silenciei, após isso, virei-me e caminhei.

— Você não foi atingido — murmurou Elisabeth.

Encarei seu olhar. Ela percorreu minha face e perguntou:

— Por quê?

Ela inspirou e arqueou as sobrancelhas.

— Deve haver outros como nós. Escondidos, com medo dos vigilantes, como formigas diante do tamanduá.

Elisabeth coçou a testa e disse:

— Seria bom se a OMS pesquisasse pessoas assim. Viu mais alguém por aí?

Achei o termo ‘*alguém*’ soar esquisito. Como se os desligados não fossem humanos. Ela esboçou um movimento.

— Talvez eu esteja enganada — disse em seguida, movendo o livro.

Olhei para os seus colegas, alguns com fones nos ouvidos, estetoscópio nos pescoços, celulares, tablets e bips. Havia alguns de olhos abertos e respirando, com tubos de soro nos braços.

— Ficaré com os mortos esperando ser desligada? Algum louco justiceiro pode surgir e...

— Estiveram aqui. Precisam mais de mim do que o medo que deveria ter deles.

Olhei em volta.

— Seja feita a vontade de Deus — ela profetizou, voltando aos afazeres.

Desloquei-me devagar com suas palavras na mente. A cura estaria ao alcance? Talvez, mas seria recusada pelo sistema, com a força das tropas de *preceptores*, encarregados de caçar, subjugar e matar pessoas como eu.

Os preceptores. Após rigoroso treinamento, tinham os corpos adaptados. Seus olhos eram substituídos por lentes multiespectrais, armas para matar e os impedir de desertar, pois explodiriam suas cabeças. Não eram robôs, eram gente transformada em assassinos e caçadores dos últimos humanos livres. Obedeciam à REDE, comandada pelo Grande Curador. O dono do mundo. Líder das nove megacidades, regidas pelo Livro das Safras-Base, e o ignóbil sistema das castas numéricas de 1 a 9, com o qual rotulava pessoas prendendo nas suas cabeças raspadas os números das suas safras desregradas. Não distingo quem seria mais escravo: os humanos off; os sobreviventes, ou os próprios preceptores e os servos da REDE. Eu não dispunha dos poderes da REDE, cuja força soterrou sob escombros as extintas nações.

Conheça-me somente como o Escritor. Leia, contemple cada palavra que escrevi e passe adiante. Faça cópias. Retome a plenitude da sua capacidade mental. Abandone paradigmas e retorne à vida comum, como faziam nossos antepassados. Some dois mais dois, e depois persista somando, multiplicando. Repito: passe adiante. Leia. Transmita. Faça isso agora e não será desligado jamais.

Faça isso. Ou vegete até a morte.

CAPÍTULO 2

Algum tempo após o dia Off, em Vila Mirante

Sem conseguir tirar a última frase da mente, a jovem mulher fechou rapidamente o surrado livro quando aumentou a intensidade dos rumores. Seu nome era Lúcia e estava preocupada com os habitantes da vila, pouco importando o que lhe ocorresse. Internamente, amaldiçoava-se por não ter aceitado a proposta de Robus, o chefe dos guerrilheiros nômades, após o encontro no canyon. Afinal — intuiu, quem além dele e dos seus homens teria sucesso contra os soldados do Grande Curador?

“Preceptores”, pensou, abaixando-se.

Com suas armas elétricas, seus capacetes e os detectores magnéticos, o pelotão deixou os veículos escuros e deslizou devagar, formando um quadrado no centro da praça. Eram homens e mulheres. Vestiam-se com indumentárias compridas, cinzentas, cheias de bolsos e com os emblemas da REDE. Usavam o mesmo tipo de óculos escuros sobre as lentes da morte, e movimentavam-se como se fizessem parte de um mesmo organismo, com rostos sombrios e gestos taciturnos.

“Passe adiante. Leia. Transmita. Faça isso” — ribombou o livro na mente de Lúcia.

Ela limpou a testa e verificou as opções. Seria mesmo interessante endossar a entrega da vila aos truculentos guerrilheiros? Os chefes da Vila aceitariam resignadamente? O histórico de violência dos homens de Robus alastrava-se, mas ela os tinha como o mal útil. Evoluíram dos antigos grupos suburbanos de justiceiros, e poucos como eles enfrentavam com relativo êxito as tropas da REDE.

“Faça isso agora e não será desligado”, lembrou-se.

Assim que a poeira esvoaçou, ela escorregou pelo passadouro da escola para o interior do prédio onde funcionava a biblioteca. Sacudiu as calças e se escondeu atrás de um púlpito virado, onde havia um par de bicicletas de rodas finas e algumas sacolas e mochilas, focando o par de olhos castanhos nas frestas da barricada, que encobria as venezianas do janelão de madeira escura voltado para a praça.

“Ou vegete até a morte” — lembrou-lhe o livro.

No mesmo instante, o som dos veículos vibrou forte e espalhou palavras já conhecidas por todos na Vila: um trecho do texto do *Livro das Safras-Base*, narrado pelo próprio Curador:

“Safra 1: você é autoconfiante, exitoso, ambicioso, determinado, pioneiro, atencioso, corajoso, inovador e honesto. Safra 2: você é receptivo, sincero, sensível, diplomático, cooperativo, emotivo, solidário e equilibrado. Safra 3: você é comunicativo, criativo, sociável, múltiplo, interativo. Safra 4: você é estável, seguro, conservador, fiel, trabalhador, disciplinado, prático. Safra 5: você é evolutivo, curioso, sensitivo, veloz, determinado, transformador”.

Ela deslizou os pés com cuidado. Qualquer vacilo seria provocaria o desabamento das caixas. Esticou-se, abriu a gaveta do armário e segurou a mochila, enquanto o som mecânico prosseguia:

“Safra 6: você é responsável, amável, compreensivo, imaginativo, perfeccionista, útil. Safra 7: você é espiritualizado, investigativo, reflexivo, idealista, estudioso, meditativo, introspectivo”.

Lúcia pegou a caneta e o livro do Escritor, e, mais uma vez, como tantas antes, rabiscou nas laterais das páginas e nas folhas extras que costurou, referências à ação dos preceptores. Havia uma caderneta inserida nele, onde registrava as suas experiências, atividades e tudo o que testemunhava. Era um livro dentro do livro. O seu segredo. Onde redigia mais comentários, e contava sua versão a respeito do mundo.

Olhou a caderneta e lembrou-se do Escritor, metendo-a dentro da roupa. Atada à sensação de medo enquanto percorria o esconderijo, lembrou-se de outros momentos como aquele, quando os *preceptores* invadiram a vila, interrogaram pessoas e depois as selecionavam com seus sensores, após detectarem suas safras.

“Safra 8: você é renovador, oportuno, habilidoso, trabalhador, decidido, gestor, ambicioso, regenerador. Safra 9: você é realizador, líder, fraterno, espiritualista, abnegado, universal, pleno, sábio, experiente. Apresente-se ao agente do Conselho. Faça isso agora”.

Ela inspirou profundamente. Imaginou-se diante do Grande Curador. Armada com um punhal e pronta para cortar o pescoço dele.

“Faça isso agora” – familiar demais, pensou.

Formou-se uma fila no pátio, sob a mira dos invasores. Nem todos, entretanto, eram tão dóceis, e ela conhecia muito bem seus concidadãos. Rogava para o pior não ocorrer. Infelizmente, aconteceu.

CAPÍTULO 3

(narrado por Lúcia)

Vila Mirante, algum tempo antes

Não passou tanto tempo desde o dia em que ele depositou a mochila junto do pontão do rio, no trecho onde ele formava um lago redondo, com as águas tranquilas vindas das quase inativas turbinas da usina hidrelétrica. Era um dia nublado e frio, embora com pouca umidade. O vento soprava e eu recolhia cogumelos, algumas ervas e enchia o cantil, quando ele surgiu, saindo da lateral do velho armazém.

Ele caminhou pelo cais, com os olhos voltados para as colinas, onde o bosque era menos denso. Trazia uma faca encurvada embainhada na cintura e parecia ter outro tipo de arma debaixo da camisa, que sacudia sob a ventania, com um par de binóculos a tiracolo. Ele fez um movimento pacífico com as mãos e me ofertou um sorriso.

Ajeitou o chapéu, parou ao meu lado, agachou-se, abriu a mochila e pegou um livro magro de capa marrom, costurado à mão, com cordões grossos e crespos. Vi que existiam outros semelhantes e todos tinham aproximadamente a mesma espessura, e deduzi que tivessem o mesmo número de páginas. Presos na aba frontal, havia uma pequena máquina de escrever portátil e um grosso volume de papel. Notei a existência de pelo menos uma dúzia de canetas e outro tanto de lápis enfiados num bolsão da sua surrada jaqueta de couro, que contrastava com o azul forte do jeans de suas calças.

O *Escritor* (foi assim que se apresentou. Mais tarde descobri seu nome), apertou os compungidos olhos sob o pálido sol, que iluminava a sua pele bronzeada, fixou-se com afeição na minha face e disse bem devagar, num tom que representava uma promessa:

— Eu o escrevi e o produzi — apontou para os livros e as costuras.

Agradei, mas duvidei que fosse mesmo o autor. A *REDE* e o Conselho das 9 safras-base não permitiam esse tipo de ofício, considerado como alta traição. Se a ninguém era permitido ler algo além dos escritos autorizados, escrever, então, era um crime gravíssimo. Se fosse realmente um escritor e os livros fossem seus, eu teria diante de mim duas opções: denunciá-lo às patrulhas ou evitá-lo como se carregasse a peste. Não faria nenhuma das duas. Por que faria, se o meu segredo era escrever? No fundo, éramos rigorosamente iguais, com a diferença do seu destemor para vagar com uma mochila cheia de livros, sujeito, inclusive à morte. Aquilo me seduzia. Uma vez escrevi a história da

árvore apaixonada pelo rapaz que a regava diariamente. Ao descobrir que estava doente, ela pediu à natureza para transformá-la em menina e foi cuidar dele. Criei muitas outras, mas nunca tive coragem de colocá-las numa sacola e distribuir mundo afora. Os olhos dele fisgaram os meus, tentando livrar-me dos meus devaneios. Em seguida, pegou um lápis e uma caneta e os entregou a mim.

— Já fez glosas?

Sacudi a cabeça. O Escritor riu. Eu também ri, satisfeita com meu segredo. Não respondi. Agi como uma efigie. Ele continuou, no mesmo tom amistoso e com o mesmo riso encantador. Mudou o assunto, como se fosse dado a agir assim:

— Venho observando a vila...

Ele inspirou profusamente para continuar:

— Quantos vocês são atualmente?

— Somos poucos — respondi automaticamente, com o livro nas mãos.

Ele sorriu, quase sem abrir a boca.

— Vocês têm escolas, bibliotecas, hortas, pomares, não é mesmo?

Confirmei com um aceno.

— Quem comanda a sua vila?

Recuei os braços. Ele notou a impertinência e refez a pergunta:

— Como sobreviveram à epidemia?

— O pároco é o chefe. Ele e os professores formam o conselho diretor. Ninguém tem autorização para afastar-se além do permitido. Talvez isso nos tenha deixado imunes. O isolamento contou pontos a nosso favor.

Pensei em comentar, mas preferi silenciar sobre Robus e os guerrilheiros. Como era um andarilho, talvez soubesse deles, intuitivamente.

— Isolamento? Você crê nisso? Foi isso que lhe contaram?

Calei. Pensei em deixá-lo. No entanto, existia alguma coisa boa nele, em seu rosto, no seu jeito, algo especial e iluminador.

— Você costuma ler?

Outra vez disse sim, com um gesto. O Escritor olhou para os postes da estrada, que circundava o cais e o armazém como uma serpente até alcançar as colinas. Esticou o olhar para as construções da usina elétrica e assoviou. Olhei para o livro, depois para a vila e as plantações protegidas pelos muros, e em seguida mirei outra vez o rosto dele.

— Não temos energia elétrica suficiente. Não há como ter acesso livre à usina. O pouco que temos vem do acumulado nas baterias de energia solar.

Ele parecia muito interessado:

— E quando tinham?

— Dispúnhamos de internet e de tudo o que a eletricidade proporciona.

O Escritor meneou o pescoço e apontou para a vila com a cabeça:

— Presumo que existam muitos livros lá, não?

— Temos alguns — respondi sem pensar.

Esperei nova pergunta, mas ele nada falou. Continuei:

— Os preceptores vasculham a vila, em busca de evidências de apoio aos guerrilheiros. Levam livros, pessoas... e punem quem estiver com livros proibidos...

Ele permaneceu quieto.

— Restaram poucos livros – balbuciei dessa vez, amaldiçoando-me internamente por dizer aquilo, sem ainda ter a compreensão exata sobre o motivo do seu interesse por livros, e quem realmente ele seria.

Ele coçou a perna. Pensei em deixá-lo e correr, afastar-me depressa. Refleti. Que mal representaria um homem bonito, com expressões faciais confiantes, que ofertava livros e dizia ser escritor? Nesse instante, o título do seu livro assomou, e, pela primeira vez, fiquei verdadeiramente feliz:

‘OS ÚLTIMOS’, o livro que não podia ser pronunciado. O livro proibido.

Ele notou minha estupefação.

— É seu. Sei que fará bom uso — disse.

Seria mesmo verdadeiro? Estaria diante do livro mais perseguido pelo *Conselho das 9 safras-base*? Se o título tinha relação com os livros (que levavam esse título), ou com as pessoas que os escreviam (que eram perseguidas como criminosas), senti-me incluída, seja como leitora, seja como escritora. Principalmente pelo que fazia com os meus alunos, mantendo vivo neles o interesse pela leitura.

Muito se comentava sobre homens como ele. Outros os evitavam. Certamente, a maior parte nem desconfiava das suas intenções. Árduo o seu trabalho. Como convencer os desesperançados? O melhor dos meus sonhos não seria capaz de me fazer crer ter um deles diante de mim (decerto o original, do qual outros copiaram o livro), me entregando o exemplar da obra mais combatida no planeta.

O Escritor manteve o silêncio por mais alguns segundos, como se perscrutasse meus pensamentos. Ele não imaginava, mas eu sentia o calor do livro, como se ele estivesse em brasas. Estava louca para folheá-lo. Ele deu um peteleco no chapéu. Enfim, retomou a palavra e disse:

— O que você faz?

Respondi-lhe com outra pergunta:

— Quem é você?

Ele sorriu.

— Não venho e nem faço parte da *REDE*, se é que suspeitou.

— De onde veio? É um fugitivo por causa dos livros que tem?

Olhei-o por um minuto, esperando a resposta. Renovei a pergunta:

— Quem você é? Por que está aqui? Nunca o vi nas redondezas. Afinal, quem é você?

— Sou um dos últimos, como você.

— Eu não vagueio.

Ele riu.

— Talvez um dia – disse.

Deu um peteleco na ponta do chapéu, revelando tufos do cabelo cacheado, permitindo-me ver toda a amplitude do seu olhar.

— Bem, parece óbvio. Não sou um preceptor. Não tenho olhos perfurados. Nem sou um *humano off*, pois senão não falaria ou me moveria. Estaria ali — disse e apontou para o cais. — Sentado, no aguardo da morte.

— Conheço os sintomas – afirmei.

Completei no mesmo tom:

— Vi *humanos off*. Éramos muitos na vila, mais de cinco mil no início da epidemia. Perdi quase toda a família, perdi amigos. Não esqueço o crepitar das fogueiras com os mortos.

Ele concordou e estendeu a mão. Mas não demorou muito e voltou a perguntar.

— Há desligados na vila?

— Não — disse secamente.

— E os preceptores?

— Você sabe como agem.

— Levaram muitos de vocês?

— Sim, levaram — confirmei, e apontei para a cidade.

O Escritor dobrou o corpo e fitou os muros da cidade. Ficou imóvel, com as mãos nos joelhos. Depois disse num tom baixo:

— Faz ideia do que acontece lá?

Silenciei. Ele continuou:

— Eu conheço a cidade e aquele que a governa e acredita ser o dono do mundo. Admirei-o por um momento. Seria mesmo verdade? Ele conhecia o Grande Curador?

— Leon Gesto. Convivi com ele, se é que você acha que não o conheço. Não confirmei e nem desmenti, mas a minha expressão dizia muito.

— Nasceu bilionário. Teve tempo e dinheiro para dedicar-se às ciências místicas e esotéricas, à música, aos livros, às pesquisas a respeito da redução da população mundial, o que o tornou fissurado pela ideia do planeta doente pelo vírus chamado de raça humana.

Mirou-me e coçou o lado da boca:

— Ouviu falar sobre *Paul Ralph Ehrlich*?

Neguei com a cabeça.

— *Bomba populacional*... talvez a obra mais popular dele.

Ele riu:

— Não me assombro.

— Fale mais — pedi.

Ele gostou do meu verdadeiro interesse:

— O Grande Curador disse-me ter uma visão negativa sobre o destino dos nossos filhos e netos. Concordava com Paul Ralph Ehrlich, quanto ao fato dos políticos tentarem controlar a bagunça financeira mundial, sem sequer controlarem os sistemas do planeta que nos provêm com comida, com água, com oxigênio. Leon Gesto, não possuía índole beligerante quando o conheci. Não pegaria em armas e nem insuflaria outros para isso. No fundo, aguardava um milagre para viabilizar a redução da população.

Ele voltou a coçar o lado da boca.

— Por isso a obsessão por autores como Paul Ralph Ehrlich.

— O que aconteceu com você na cidade?

O Escritor fitou-me com olhos interrogativos. Ergueu devagar as sobrancelhas, apoiou o queixo, pensou um instante, e continuou:

— Leon não era tão acessível quanto antes, mas ainda tinha apreço por mim, pelo que fizemos no passado, pelo clube para o qual me indicou, pelo...

— Clube?

Seu rosto mostrou-se profundo. Por um momento pareceu-me surpreso, mas algo maior o impelia a continuar, e ele discutia internamente com sua consciência.

— Essa é a missão que escolhi — disse.

Permaneci calada. Olhei para o Escritor, imaginando quantas aventuras e revelações existiam nele. Ele continuou:

— Ele fundou um clube e convidava amigos, pessoas do seu círculo, alunos e auxiliares. O nome? *Bomba Populacional*. Paul R. Ehrlich não o acusaria de plágio, sem dúvida. Incrivelmente poderoso e aliciente.

Olhou-me penetrantemente.

— *Sou leitor de Crowley*, era a nossa senha para ser aceito no clube e para participar das reuniões. Para sair do grupo, bastaria dizer: *apocalipse*. Eu não a proferi, mas deixei o *Bomba* porque tive de retornar ao meu país.

Ele pausou.

— Leon tinha horror dessa palavra. Permitiu o uso apenas para essa situação.

Emudeci. Ele prosseguiu:

— Aleister Crowley, o influente ocultista britânico, conhecido por seus escritos sobre magia, esoterismo e Cabala. Negava o apocalipse cristão. Leon Gesto o venerava delirantemente. Gostava de suas ideias, partilhava das suas esquisitas concepções de mundo e ansiava encontrar o *modus operandi* para finalizar a obra daquele que ficou eternizado como o homem mais maligno do planeta, o seu ídolo: Crowley.

— Para quê?

— Conhecimentos místicos. Domínio da numerologia e da magia dos números. A influência numérica no destino das pessoas e do universo. A explicação para alguém sujeitar-se, enquanto outro estava predisposto para liderar. Leon era apaixonado por números e acreditava nisso como no ar que respirava. Citava Pitágoras, Copérnico e Da Vinci. Agia como Nikola Tesla, dando três voltas nos lugares. Mantinha equipes de cabalistas, numerólogos. Estudava e reestudava a Cabala. Ele não tinha dúvida alguma: a existência humana era produto dos números.

O Escritor ponderou:

— Ele encontrou o milagre.

Em seguida, apontou para a cidade:

— Foi ali que descobri como prepararam o *dia off*.

Ele esticou-se e fitou os muros da cidade.

— Faz ideia do que acontece lá?

— Exatamente?

— Sim.

— Não. Somente boatos.

— Boatos?

— Pelo que sei, ninguém retornou de lá. Somente uma vez...

Ele franziu a testa, cruzando os braços.

— Prossiga.

— Uma vez alguém escapou e foi levado ao pároco.

Ele ficou quieto.

— Morreu alguns dias depois.

Daria um braço para descobrir o que pensava.

— Demoniza-se o carteiro para evitar que a carta seja lida — murmurou.

Perplexa, repeti a frase mentalmente. Ele era um enigma vivo. Um cofre de conhecimento ambulante. Conflitando com o fato de ser um total desconhecido — o que sempre me provocava preocupação ao perceber rostos novos nas redondezas, rebentava em mim o desejo de ouvir cada palavra e de ficar perto dele. Ele era magnético. Mesmerizava com gestos simples e palavras sutis. Ele esfregou os saltos na pedra e olhou para baixo.

— Desmaiaria se visse como vivem as pessoas naquele lugar — disse.

Ele olhou para mim. Como não falei nada, prosseguiu:

— Existem castas — disse.

— Eu sei.

Ele me fitou como se eu tivesse proferido um palavrão.

— Aqueles das safras-bases, os das safras-agregadas e os preceptores. Há, também, três tipos de escravos: os trabalhadores, os que existem para divertir os das safras superiores e depois servem para o fornecimento de material genético.

Alongou os ombros antes de me perguntar:

— O que sabe sobre sadomasoquismo?

— Vi o termo em dicionários — perversão sexual definida pela junção de sadismo e masoquismo; mas nunca li nada a respeito.

— Esses tipos de escravos são transformados em animais, em objetos, em brinquedos. Técnicas de lavagem cerebral para submissão e total obediência aliada a certos procedimentos cirúrgicos. Há diferentes espécies. Ponygirls e ponyboys são exemplos. Alteram cirurgicamente as cordas vocais dessas pessoas, colocam anéis na genitália, no ânus, no pênis, nos lábios vaginais, no pescoço, coxas e abaixo do nariz. Põem arreios, correias, travas e botas semelhantes às patas. Domesticam-nas ritualmente.

— Que loucura...

Ele mexeu na aba do chapéu:

— Vomitaria caso assistisse as corridas nos hipódromos — disse.

Ele refletiu e completou:

— Teria espasmos maiores se visse como retiram sangue menstrual, sêmen e leite materno dos escravos para usar em nootrópicos contra o envelhecimento.

Percebeu que eu estava assustada. Mediu-me e mudou o assunto:

— O que você faz?

— Ensino — respondi diretamente, lembrando das pessoas da vila que foram levadas para a megacidade.

Ele assoviou.

— Ora, vejam só — disse.

Estava sem palavras e automaticamente revelei meu segredo:

— Também escrevo...

Ele parecia já saber. Acho que sempre soube.

— A busca valeu a pena — disse-me, eufórico. — Já entreguei livros em portos, estradas, em muitos lugares; para pessoas de todas as idades, raças, profissões. Alguns recusaram, outros rasgaram o livro sem nem esperar que fosse embora. Teve gente que me amaldiçoou e me delatou às patrulhas. Agora estou aqui, com você.

Ele parecia sincero.

— Grande dia o de hoje — disse, eufórico.

O Escritor colocou as mãos nos meus ombros:

— Eis a professora.

Pensei ter revelado coisas demais. O velho sentimento de desconfiança assomou em mim, anuviando a admiração. Rebatí sem receio:

— Quem é você e o que quer, afinal? O que realmente o trouxe até aqui?

Ele sacudiu a cabeça algumas vezes, mostrando-se empático. Ele inspirou e desviou o olhar para a cidade. Fiquei quieta. Ele manteve o olhar nos muros altos:

— Quero que você e muitos outros leiam o livro. Leia, repasse e escreva. Reúna as pessoas. Passe adiante a mensagem. Peça-lhes para manterem as mentes ativas com as atividades mais simples e corriqueiras possíveis. Isso ajudará na descontaminação, que todos foram sujeitados por décadas. Faça cópias do livro e repasse.

Concordei silenciosamente. Ele balançou o corpo escorregando o dedo no chapéu.

— Quer mesmo saber quem sou?

Sacudi a cabeça devagar e positivamente.

— Quero saber como sobreviveu ao dia *off*. Como escapou da REDE e o que mais sabe sobre ela, seu chefe e seus poderes.

— Toda minha vida...

— Esse clube...

Olhei-o fixamente antes de concluir enfaticamente:

— Quero saber quem de fato você é.

Ele produziu um sorriso indelével e atraente. Levantou-se, fechou a mochila e disse:

— Quer mesmo saber?

Senti medo. Angústia. Aflição. Havia algo assustador não revelado? Cravou o olhar em mim e falou devagar, enquanto eu me esfaqueava com as dúvidas:

— Lamento, mas passarei para você a minha maldição.

CAPÍTULO 4

A fila seguia devagar e tortuosa na direção do maior dos veículos da patrulha. O pároco pedia calma e agitava as mãos para os soldados, rogando piedade. Algumas dezenas passaram pelo escâner e deles uns poucos foram separados e colocados num furgão, após juntarem suas coisas e pertences em mochilas. Vila Mirante perderia outros habitantes, como acontecera tantas outras vezes. Sempre havia os insubordinados e esse era o temor de Lúcia ao sinalizar para o catatônico jovem escondido perto dela.

— Venha cá — sussurrou.

— Não — respondeu, imóvel sobre os sacos de sementes e caixotes.

— Não repetirei...

Esperou uns segundos.

— Então, vou até você — disse e deslizou.

— Espere.

Surgiu a cabeça ruiva e logo após o corpo de um rapazote.

— Venha — ela disse.

Agachou-se e afastou ramagens secas e um grosso tapete.

— Agora puxe junto comigo — mandou.

A pesada tampa chiou, revelando uma estreita escada.

— Não desço. Já fiz isso. Eles nos matam se descobrirem.

— Não seja estúpido, Charles.

Desceu os degraus e em trinta segundos retornou, com teias de aranha no cabelo.

— Tome. Segure a antena.

Girou e desceu. Charles segurou o objeto. Lúcia subiu a escada outra vez, olhou em volta e falou:

— Eleve a antena um pouco mais — sussurrou.

Charles olhou o janelão.

— Escute — ele disse.

Lúcia não respondeu. Rumores indicavam brigas no pátio.

— Levante a antena.

Ela imergiu nas sombras. Charles encostou numa coluna. Lúcia tateou num móvel de metal. Ela acionou três botões e girou a chave do aparelho de rádio amador, afastando panos, cadernos e relógios quebrados. Temia que Charles largasse tudo e fugisse. O

barulho do pátio aumentou. Não aguardaria a decisão do conselho. Robus esperava a oportunidade, e a chance para isso estava estacionada na praça central, colhendo escravos para a REDE. A frequência zuniu e escutou estalos.

“Vamos, vamos...” — desesperou-se.

Tinha feito isso tantas vezes, mas surpreendia-se sempre com a estática, agora mais aguda do que antes. Lúcia largou o posto e subiu os degraus.

— Merda — murmurou.

A antena jazia ao lado. O janelão do esconderijo estava aberto, sem os sacos e monturos que escondiam o acesso. Ela corou e xingou Charles. Ao enxergar a sombra de um preceptor, escorregou o corpo, puxou a antena e repôs a tampa no mesmo instante. O preceptor enfiou a cabeça para dentro. Charles estava parado junto dele. Houve um clarão e ele gritou. Lúcia conteve o próprio grito, enquanto o corpo dele queimava.

Travou a tampa por dentro, e rogou para a penumbra proteger o alçapão. Enfiou o livro original e suas anotações num buraco falso, liso e com o formato de rampa, e recolocou o tijolo que funcionava como a tampa na parede. Conferiu a caderneta nas roupas. Pensou no que fazer. Podia fugir para as galerias através do esgoto, pelo acesso debaixo da pia. Empacou ao escutar vozes e passos. Com cautela, apoiou a antena sobre o banco. Com mãos trêmulas, teclou o código, e ouviu um silvo. Sob o som dos tiros e da gritaria na praça, enviou a mensagem e depois outra para Robus. Repetiu e fez de novo. Os berros dos agoniantes aproximavam-se. Tentou distinguir a voz do pároco.

Seu coração paralisou ao notar as botas do preceptor pelas frestas do assoalho. Poeira, sujeira, formigas e aranhas pequenas caíram nos cabelos. Girou as alavancas e apertou os botões, enviando outra vez o código combinado. As mãos deslizaram como enguias, seus olhos não piscaram e pedia tempo para vingar a morte dos habitantes de Vila Mirante. O castigo dessa vez era multiplicado por causa da descoberta do esconderijo. Seus olhos marejaram. A lembrança da família assomou, e quase desabou ante as recordações. Sentia-se incapaz. Rogava pela intervenção de Robus. Seria uma forma enviesada de justiça, pensou. Mas, refletiu, o que seria pior?

A tampa do alçapão foi arrancada, quando finalmente o bip soou, confirmando o recebimento. Surgiu uma silhueta. Em seguida, o rosto fino e branco de uma mulher de cabelos curtos e escovados, que congelou Lúcia. Era a líder da patrulha. Ela e seus soldados com lentes multiespectrais. Pessoa que Lúcia bem conhecia.

A responsável pelo enforcamento do seu pai, na praça central da Vila.

CAPÍTULO 5

(narrado pelo Escritor no Livro proibido)

Certamente não era a primeira e tampouco seria a última vez, no entanto, foi o mais lindo sorriso que vi desde o dia off. Inebriado com o momento, bati duas vezes nas suas mãos, e demonstrei minha alegria, enquanto ela enxugava as lágrimas. Elisabeth era uma mulher forte, e mesmo em mil dicionários, não encontraria adjetivos para sua determinação.

— Ele reagiu — murmurou, passando a mão na testa do rapaz, que sorria ao lado.

Não respondi. Estava alegre demais para pronunciar qualquer palavra.

— Tinha razão — continuou, invadida pela alegria. — É mesmo possível!

Mantive-me em silêncio honorífico como uma sentinela diante da bandeira do país. Perto de nós, como para nos manter na triste realidade, o televisor mostrava os costumeiros avisos do governo. Sabia cada palavra. Sob o som rouco de uma buzina e com a luz vermelha dos números do relógio digital, a cantilena anunciava a aproximação do dia do grande incêndio, para eliminar os focos de contaminação, após a retirada dos sobreviventes, a pedido das autoridades sanitárias.

“Os sobreviventes devem afastar-se dos bairros centrais e suburbanos.

Procurem um posto governamental nos limites da cidade, no aeroporto ou na região portuária. Restam dez dias, dezoito horas, trinta e sete minutos e doze segundos para a deflagração do incêndio sanitário. Afastem-se dos locais da irrupção”.

As recordações do hospital estavam frescas. Elisabeth, os seus colegas contagiados; o atendente, igualmente infectado, com o seu aparelho eletrônico; o ambiente com os aparelhos sem uso; as macas desocupadas, com marcas das medicações utilizadas infrutiferamente; os quartos escuros nas extensas alas desertas. As imagens de minha mãe. As dela e as minhas, refletidas nos grandes espelhos do hall. Seu peso naquele momento era insignificante ante a tragédia. O corpo franzino, com aqueles olhos parados contrastavam com o imenso desejo de vê-la novamente robusta, feliz.

Talvez doesse menos dar mil voltas em redor do mundo, com um punhal no peito. Todos os filhos que enterraram seus pais, e os pais que enterraram os filhos sentiram o mesmo. Morrer por alguma razão, seja natural ou não, milhões morreram e muitos milhões morrerão. Cruel mesmo foi o desfalecimento coletivo com o dia off. Mil teorias da conspiração não acertariam. Quem acreditaria em algo tão sórdido? Haveria quem se

vangloriasse com previsão inimaginavelmente asquerosa? Não creio. Produzir genocídios sempre foi algo comum à sanha sanguinolenta, vingativa, destrutiva, avassaladora e irracional dos humanos. Muito menos as desculpas para tais atitudes tremendamente infernais, dignas de medalhas de louvor pelo próprio Satã, acaso fosse possível que o demônio-mor decidisse distribuir tal tipo ignóbil de honraria às avessas. Eliminaram-se povos por diferentes razões e estigmas. Raças inteiras e até mesmo civilizações desapareceram ao sabor dos vitoriosos.

Teriam os gênios diabólicos da REDE optado pelo exemplo de Cortés, o conquistador espanhol, que com seu punhado de homens, subjuguou milhões de astecas, condenando a império mexica de Tenochtitlán ao limbo da história? Ou, quem sabe, espelharam-se na solução final, aplicada pelos nazistas aos judeus, durante a Segunda Guerra Mundial?

Hernán Cortés trouxe, escondidos nas caravelas, além dos mosquetes e da pólvora, aliados perigosos, esquivos e dilacerantemente invisíveis — vírus como o da varíola, que dizimaram velozmente a opulenta civilização da Mesoamérica, destronando o líder Montezuma II, sob o choque do assalto ao seu palácio, que resultou na sua morte e no fim do altivo povo descendente de Quetzalcóatl. Mesma trilha sanguinária seguiu Adolf Hitler ao eliminar aceleradamente milhões no espaço de poucos anos, escrevendo páginas negras, obscuras e desoladoras na história global.

A REDE não agiu diferente. No entanto, foi muitas vezes mais além. Os mentores do dia *off* inovaram malignamente. Multiplicaram gigantescamente os grotescos e os medonhos resultados das matanças. Não bastaria destruir um povo localmente. Para nenhum propósito serviria a eliminação de determinada população, escudando a ação em argumentação inconsistente e empoeirada à luz da história. O objetivo era milhares de vezes mais perturbador. Não se destinava a situações pontuais, isoladas ou objetivamente demarcadas. Simplesmente visava a completa redução da humanidade, tornando real e presente o conjunto de ameaças contidas nas Pedras da Geórgia e nos ensinamentos de Aleister Crowley e Paul Ralph Ehrlich, como jamais qualquer conspirador imaginou.

Isso foi feito. Um dia após o outro. Programando pessoas para o desfecho. O nefasto deslinde. O Grande Curador me surpreendeu, ou talvez intimamente esperasse sua traição. Ou, mais ainda, somente procurou eliminar o rebanho sem gastar balas com guerras. Sobre sua personalidade, vale dizer que não ser beligerante pouco importava. O objetivo de Leon sempre esteve óbvio.

Desde o dia do enterro da minha mãe, sedimentou-se em mim o desejo de seguir na direção correta. Primeiro, as sensações com as atitudes do atendente do hospital. Depois, a condição de Elisabeth, seu perfil, sua maneira de agir e sua aparente imunidade. Dissocie-me de paradigmas e parti para a pesquisa. Formulei listas com nomes e as datas das mortes de parentes, de amigos, de pessoas do trabalho. Tive seguidos dias de trabalho dedicado, acalentados com o pouco de comida que dispunha. Visitei guetos, hospitais, ambulatórios, centros religiosos e fábricas, onde fiz pesquisas, li relatórios e todo tipo de anotações pertinentes. Caminhei exaustivamente por ruas perambulando por lugares abandonados. Precisava de alguém vivo, além de mim.

Comecei testando em humanos *off*. O primeiro foi um homem de meia idade, que encontrei sentado, junto do último poste, na esquina da rua com a praça do bairro. Executei nele tudo o que intuía ser possível para salvá-lo ou ao menos retirá-lo da esdruxula situação de morbidez. Zero êxito. Faleceu em dois dias. A segunda cobaia foi uma mulher jovem, na casa dos 19, 20 anos. Ao encontrá-la, acreditei que conseguiria. Embora no estado *off*, não parecia tão debilitada fisicamente quanto o seu antecessor. Fiz tudo como planejado. Novamente nada. Morreu após três dias. Enterrei-a junto do homem, perto da cerca com a casa ao lado.

Desisti dos desligados para meus testes. Não queria mais nenhum espantalho *Off*, com suas imagens descoradas desmoronando-se nas ruas e na tela da televisão. Senti-me solitário como um beduíno. Agora eu era o dono da rua e do bairro, o donatário de uma cidade vazia. O desalento atiçava. A mensagem hipnótica que ressoava na minha mente indicava-me a única opção que dispunha: o suicídio.

“Os sobreviventes devem afastar-se dos bairros centrais e suburbanos. Procurem um posto governamental nos limites da cidade, no aeroporto ou na região portuária. Restam dez dias, dezoito horas, trinta minutos e nove segundos para a deflagração do incêndio sanitário. Afastem-se dos locais da irrupção”.

A insuportável voz da mulher da saúde pública e a contagem regressiva, rasgavam meus tímpanos. Quase tão execrável quanto o ruidoso som dos helicópteros militares, cumprindo as ordens do encarregado do governo para a região, ninguém menos do que o meu conhecido Leon Gesto, com quem trabalhei na faculdade, e que apropriadamente gostava de ser tratado como o Curador, graças às origens acadêmicas.

Leon Gesto e a sua camarilha de políticos, militares e financistas escapariam do contágio? Seus pesquisadores já tinham a cura àquela altura? Eu estaria errado? Minhas

observações seriam tolas, vãs e absolutamente sem sentido? Ou estaria certo? Indagações sem respostas. Precisaria de comprovação. Como faria? Desistir seria a melhor opção?

Dispensada a hipótese do suicídio, seguiria as orientações das autoridades. Existiam postos nas proximidades. Meu carro tinha combustível. Se não tivesse, retiraria dos veículos abandonados, estocando para a eventual viagem. A rodovia não estava distante dali, e, com sorte e sem sobressaltos, alcançaria os limites da cidade após algumas horas.

“Os sobreviventes devem afastar-se dos bairros centrais e suburbanos.

Procurem um posto governamental nos limites da cidade, no aeroporto ou na região portuária. Restam dez dias, dezoito horas, dezoito minutos e vinte e um segundos para a deflagração do incêndio sanitário. Afastem-se dos locais da irrupção”.

Maldita apresentadora. Debrucei-me, não tinha jeito. Inspirei. Sacudi a cabeça em seguida e tapei os tímpanos ante a aproximação de outros helicópteros.

Dizem que a fé executa milagres. Entre o mar do engano e da ilusão, e as rochas da negação, preferi o apoio dos pedregulhos da esperança, e deixei o destino no comando. Foi assim que a desesperança trocou de lugar com o alento, no dia em que uma mulher negra bateu na porta. Recebi-a com relativa surpresa e gigantesca satisfação. Ela sorria um riso fatigado, e trazia um rapaz tão suado quanto ela, amparado por muletas, e cheio de expectativas no olhar.

Era Elisabeth, a mulher do hospital. Ela me trouxe a cobaia que tanto necessitava.

CAPÍTULO 6

(narrado por Lúcia)

Nove Cidades. Nove Reinos. Nove novas Portas do Inferno. Cidades satânicas, com as suas tropas imundas e demoníacas. Haveria como definir a minha dor com palavras diferentes e menos desventuradas? A resposta direta para o senso sem par, objetiva para o pesar que dilacerava minhas vísceras. Réplica desditosamente maldita ao malfeito infeliz que inundou a minha vida.

Nove Cidades. Uma na América Latina, duas na América do Norte (sendo uma em cada costa), duas na Europa, uma na África (perto do Cairo), outra na Austrália, uma entre a Índia e a China e finalmente uma na Rússia, conforme os relatos que chegavam. Nove novos reinos. Nove novas portas do inferno. Nove cidades esconjuradas.

— Amaldiçoada REDE!

A invasão (pois esse era o único nome para o ato), se deu como sempre. Os preceptores à cata de novas vítimas, de nova leva de escravos. Com a sanha sem freios pela busca de livros que quase já não tínhamos. Chegaram cedo, surpreendendo a comunidade, diferente das outras vezes, quando vinham pela tarde ou no meio do dia. Surgiram como abutres e refestelaram-se como hienas.

Personificando neles mesmos as figuras do policial, do acusador, do julgador e do executor eliminaram cinco pessoas sem a menor chance de defesa. Após elas, outras três foram incineradas vivas, enquanto a parte sul da vila, onde ficavam as escolas, era sacudida pela violência. A líder do contingente gritava pelo megafone. Dizia que escondíamos livros, e que o salário para essa afronta era a morte.

“Entreguem os livros. Apresentem os responsáveis. Façam isso agora”

Não havia na Vila um único livro, em local visível, que não fossem os permitidos. Sabíamos como funcionava e quais eram as penas. Havia um pacto comunitário. Ninguém delataria parente, vizinho ou amigo, e nem entregaria os livros. O pároco, seus conselheiros e meu pai orientaram os cidadãos no sentido para esconderem os livros não admitidos pela REDE. Mas, não era por causa desses livros a ira preceptora. Era por um livro especial, cujo exemplar me pertencia. O livro do Escritor. O livro proibido e sua maldição. Defendê-lo, ampliava a catástrofe. Mesmo assim, valeria cada centavo o preço para mantê-lo a salvo, e fazer cópias dele. Foi a mensagem que li nos olhos do meu pai, enquanto caminhava para a força armada no centro da vila.

Ele pagou com a vida, levando consigo o segredo sobre a obra e sobre quem a possuía. Com suas lentes da morte, a líder do grupamento mirou-me antes de dar o comando, e gargalhou quando o corpo dele estremeceu. Sua morte não foi a única. O enforcamento foi coletivo. Dez anciões, a metade dos professores e muitos agricultores. Mortes injustificadas. Prantos e choros, abafados pelo estridente som dos malditos soldados da REDE, repetindo as doentias safras-base do Grande Curador.

Com o final da agonia, os preceptores foram embora, conduzindo amigos e conhecidos para a megacidade além da usina. A chefe da tropa suspeitava a existência de um exemplar do livro. Senti isso ao perscrutar seu rosto, instantes antes de vê-la fechar a porta do veículo. Ela ansiava e faria qualquer coisa para possuí-lo e apresentá-lo aos seus superiores, ou destruí-lo junto com suas cópias.

O livro que não podia ser nomeado. O livro do Escritor. A minha maldição.

CAPÍTULO 7

O nome dela era totalmente compatível com sua fama: Mortiça. Não era seu verdadeiro nome, que talvez nem mais recordasse, mas inexistia apelido mais indicado para definir sua personalidade. A sua expressão era como a de uma inquisidora, quando deslizou pelos degraus e parou junto da mesa, onde a vítima a aguardava.

— Ora, que interessante. Um transmissor...

Mortiça tocou no instrumento, que vibrava.

— Livros? Fantástico!

Lúcia mirou a face macilenta. Mortiça sorria.

— Já experimentou ver um de nós sem os óculos?

A professora empertigou-se.

— Fique onde está — Mortiça comunicou com autoridade.

Lúcia focou o alto. Três outros preceptores guarneciam o alçapão.

— Olhe para mim.

Mortiça retirou os óculos. A palidez da face permitia que as lentes escuras parecessem com enormes azeitonas negras. Mortiça guardou os óculos no bolso e girou uma das lentes multiespectrais, folgando-a até o limite. Uma luz vermelha acendeu na outra lente.

— Um buraco assim enfeitaria seu rosto — brincou.

Lúcia soluçou olhando para ela, que prosseguiu.

— Deve saber o que aconteceria se retirasse totalmente...

Lúcia deu um passo.

— Nós duas, esses móveis, livros e metade desse lugar virariam cinzas.

Mortiça afastou-se, repondo a lente.

— Ajudam-me a enxergar e são úteis para matar baratas tipo você — disse.

Gesticulou e dois preceptores desceram as escadas.

— Levem a aparelhagem para os veículos.

Franziu a testa, mexendo no cabelo curto e loiro.

— Levem os livros, também. Todos.

Tornou a mexer no cabelo escovilhado.

— Vejo que você fez cópias. Tem outras além dessas?

Lúcia não respondeu. A preceptora fez um bico ao ler o título:

— Os últimos...

Aproximou o livro da boca e sussurrou provocativamente:

— O livro proibido que não pode ser nomeado...

Em seguida, cruzou as pernas, com o livro em mãos.

— Onde escondeu o livro original?

Balançou a cabeça.

— Refiro-me ao que ele doou para você, como sabe. O Escritor.

Mortiça pegou a haste da antena de um televisor e revirou tudo em volta do transmissor.

— São cópias que você fez — murmurou.

Ergueu-se:

— Tão perigosas quanto a matriz — disse.

Lúcia mirou o alçapão, sem cogitar virar-se para a pia. Mortiça leu seus pensamentos:

— Pensa que teria chance? Hum, o dissabor de fritá-la... seria um desperdício.

Lúcia acompanhou-a com o olhar.

— Não importa – repôs os óculos. — Fez tantas cópias que é capaz de soletrá-lo.

A preceptora olhou as escadas, onde outros colegas apareceram.

— Cometeu um grave crime — continuou.

Ela deu a volta e parou perto de Lúcia.

— Um gravíssimo crime, bem entendido. Passível da pena de morte.

Pausou, fez um ar interrogativo, mexeu os lábios e desafiou:

— Quer morrer como seu pai?

Lúcia ofegou. Seu corpo inteiro exigia uma reação.

— Recorda-se como fiz? A corda que usei está na picape. Tem o cheiro dele...

Lúcia crispou os dedos. Mortiça continuou com o jogo:

— Reaja, menina. Tome uma atitude.

A provocação surtiu efeito. Lúcia investiu, mas ela esperava o golpe e desviou, segurando o braço esticado.

— Bom — disse, passando a língua ao longo do braço da professora.

Lúcia abaixou a cabeça.

— Sente-se, querida.

Lúcia a encarou:

— Mate-me — desafiou.

Mortiça sorriu:

— Matá-la? Desperdício. Tenho planos melhores.

Um preceptor algemou Lúcia, jogou-a no chão e cochichou no ouvido da chefe. Mortiça mediu a aparelhagem do rádio amador, coçou o estreito queixo e caminhou, feito aranha em volta da presa. Bateu os dedos suavemente no teclado, revirou folhas azuis e brancas e encurvou parcialmente o corpo comprido. O auxiliar cobrou-lhe uma posição:

— Devemos, então?

Ela virou-se, com as mãos cruzadas para trás.

— Sim — disse.

Em seguida, foi até Lúcia, pegando sua face:

— Belos olhos — sussurrou.

Lúcia afastou a cabeça.

— Nunca lhe passou pela mente como é possível ver sem olhos?

Lúcia sempre quis essa resposta, porque acreditava ser lenda criada pela REDE para atribuir aos preceptores aspectos super-humanos.

— Além de enxergar e ter o poder de matar, as lentes têm outros que nem desconfia. É algo bom, mas não deixa de ser um peso.

Lúcia permaneceu quieta, sob o riso da preceptora:

— Você será exatamente como sou. Você me amaldiçoará por ter poupado a vida. Repetirá a praga diariamente aos berros, com toda sua energia. Desejará matar-me e isso destruirá em você qualquer sentimento diferente do ódio, da fúria, da violência, da selvageria, da truculência, da brutalidade e da perversidade. Será uma exata cópia minha. Digna do temor. Todos terão medo de você, na mesma medida que têm de mim. Será odiada; desejarão sua morte todos os dias. Sentirá prazer em maltratar, em humilhar e desprezar. Matará e saboreará cada morte.

Mortiça sorriu diabolicamente:

— Tentará me matar.

Lúcia endureceu o rosto. Mortiça elevou o canto da boca.

— Pensará em escapar do seu destino, também — disse.

Silenciou, olhando para o preceptor que sorria.

— Será em vão — disse devagar.

Lúcia apertou as pernas e encolheu-se. Mortiça agachou-se, esfregou as pernas dela com as palmas, deu pancadinhas no seu ombro e sussurrou-lhe a sentença:

— Coxas grossas, hein? Ombros rígidos. Serão uteis no seu treinamento, porque irá conosco e suplicará mil vezes pela corda que usei no seu pai.

Lúcia estremeceu.

— Será uma *preceptora*, minha cara, logo, logo. Cumprirá as ordens e se acostumará com sua nova condição.

Mortiça ergueu-se triunfante:

— No lugar de vãs promessas de libertação e cura, você carregará e espalhará o desespero e a tragédia.

Lúcia investiu contra ela com a cabeça. Surpreendeu a preceptora, que suportou o impacto, mas cambaleou para o lado.

— Ok. Ok. Sem rancores.

Mortiça limpou o filete e decidiu fazer outra revelação:

— Sabia que nossas lentes veem sob o assoalho?

Lúcia regelou-se ao vê-la apontar para a pia:

— É onde escondeu seu amigo?

CAPÍTULO 8

(narrado pelo Escritor no Livro proibido)

“Quem sempre estará no poder não será o que detiver o conhecimento, mas sim aquele que impedir ou controlar a sua difusão”, repetia Elisabeth, enquanto andávamos. Antes do viaduto, inexistiam pessoas. Centenas de automóveis e veículos abandonados. Os limites da metrópole eram como um gigantesco léu, ocupado por fantasmas de metal. Os helicópteros e as torres de vigilância funcionavam como faróis para mim, Elisabeth e Diego, o rapaz que ela levou até minha casa.

Deixamos o sedan e caminhamos para a ponte, conversando cheios de esperança e medo, as molas-mestras da humanidade. Esperança, para nos manter firmes na busca do posto do governo no porto; medo, que sombreava nossos pensamentos, impondo dúvidas a respeito do futuro. Aviões cruzaram sobre nossas cabeças rumo à cidade, calando-nos com seus motores, enquanto recordava os acontecimentos; fatos que nem a voz esganiçada da mulher da televisão suplantaria, ainda que usasse dez megafones, para repetir a ladainha sobre o incêndio. O nome da minha satisfação era Diego.

Elisabeth veio a mim porque não tinha para onde ir. Encontrou Diego ofegando num táxi. Estava lúcido, embora com os sintomas do idiotismo. Recebi-os com alegria e rapidamente expus as ideias sobre o problema off. Não hesitaram. Diego era o exemplo perfeito do futuro desligado. Exatamente quem eu buscava.

Diego compreendia bem as palavras, expressava suas ideias com relativa clareza — o que transparecia controle sobre as faculdades mentais. Estávamos cômicos de que a ausência de reações, característica da epidemia, logo o tornariam num off. Não foram necessários muitos testes, embora os repetisse diariamente, ao menos três vezes por dia. Tínhamos um adversário avassalador, a televisão, com seus informes sobre o incêndio iminente. Pedi-lhe para fazer contas sem calculadoras, raciocinar sem o *Google*. Incentivei conversas e caminhadas ao bosque onde catamos lenha para fogueiras no quintal, onde improvisamos um fogão. Cavamos leiras, com buraquinhos para caroços de feijão, que três dias depois germinaram. Regamos as mudas e rimos bastante, apesar do sofrimento e das lembranças. Nem ele, nem eu ou Elisabeth ficamos desligados. Decerto, muitos outros mundo afora também. Gente que abominava o digitalismo exagerado. Pessoas como eu, pouco próximas ou avessas a celulares ou coisas parecidas. Gente como Elisabeth, que não passava um dia sem ler um livro. Ou pessoas como o atendente do

hospital, que lia, mas digitalmente. Se tivesse descoberto a cura antes, talvez pudesse lhe demonstrar isso. Regressar ao modo simples e rudimentar de viver.

Acreditava que a culpa estava na dissociação do humano da capacidade de executar tarefas triviais. Hoje, admito simplória demais essa premissa, mas valeria como base para minhas observações e reflexões sobre meu passado com Leon Gesto e o clube. Diego, dessa maneira, foi o melhor presente da minha vida. Com sua melhora, Elisabeth repetiu os discursos contra a tecnologia, afirmando que as pessoas foram transformadas em repetidoras de informações, em vez de difusoras de conhecimento, com mentes escravizadas e dependentes de psicotrópicos eletrônicos.

— Não querem que você pense. Entregam bolos prontos, feitos com receitas pré-concebidas, pois quem raciocina, reflete, quem reflete é perigoso para o sistema — disse ela, pondo a xícara vazia na mesa. — Por isso sou amante dos meus livros.

Ela parou um instante e depois arrematou, gracejando:

— Claro, dos crochês também — afirmou.

— A tecnologia tem vantagens — rebati.

Ela enfezou a cara ao perceber que a garrafa térmica estava sem nada.

— Para quem ganhar com ela — retrucou sem olhar para mim.

— O brocardo que você repete desde que chegou?

— Isso mesmo: *leia ou vegete* — respondeu-me.

Limpou o canto da boca e prosseguiu:

— Bem, se cultura constrói, conhecimento é poder. Quem mandou na sociedade romana, na Idade Média e nos séculos posteriores? Quem comandará sempre?

— Aquele que tiver conhecimento?

Ela riu. Sua simplicidade me encantava.

— Tolo. Está errado, ou melhor: parcialmente equivocado. Quem sempre estará no poder não será aquele que detém o conhecimento, mas sim aquele que impeça a sua propagação e controle a sua difusão.

Fortes palavras, jamais esquecidas, fixadas eternamente em mim. Avistamos o posto ao ultrapassarmos a ponte. Milhares formavam filas organizadas por agentes da saúde pública e vigiadas por tropas. Havia navios enormes nas cercanias e grandes aviões estacionados na porção da rodovia transformada em pista. Existiam humanos off sentados nas margens, e ainda pessoas que, repentinamente, tornavam-se desligadas como eles e caíam para os lados. As filas arrastavam-se pé após pé. Sempre que alguém desabava, havia um escarcéu. As pessoas gritavam, corriam e abriam círculo em volta do desligado.

Uma adolescente caiu e supliquei ajuda. Ao carregá-la, cruzei com atônitos olhares, cheios de rejeição, como se eu amparasse o próprio demônio nos braços.

Diego e Elisabeth fizeram o mesmo com outros dois. Elisabeth foi além. Gritou, sem ter a minha força, e ergueu o corpo do rapaz como uma estivadora. A voz vibrou com destemor, sob olhares sem emoções. A atitude quixotesca rendeu a chance para conhecer o objeto jamais visto por nós, mais tarde conhecido como o *escâner da safra*, o aparelho retangular, usado na identificação da safra-base da pessoa, para definir o seu destino. Precisávamos vencer as filas, mas eramos os tolos com três seres humanos nos braços, servindo como ponto de referência. O desvio que ninguém quer trafegar. Então, gritei um nome. O nome de Leon Gesto. Bradei que tinha a cura.

Num repente, o foco saiu dos guardas, das filas, dos barcos cheios de pessoas carecas com números metálicos nas cabeças, dos desditosos *humanos off* e se concentrou em mim. Imediatamente, ganhei status diferente. Não era mais parte do desvio, era o caminho. Com asfalto de qualidade e luminoso, como diria Leon, o Curador, no púlpito do clube, abrindo as reuniões, com seu exemplar de *Bomba Populacional*, do guru Paul Ralph Ehrlich e os ideários de Albert Pike e Aleister Crowley nas mãos, sob a imagem terrífica do *Mappa dell'Inferno*, de Sandro Botticelli, rodeada por citações toscanas. Braços múltiplos surgiram. Pessoas renhidas gritaram. Outras, desesperadas, me tocaram como um ser divino. Não mais conduzia Satanás. Era algo próximo do representante de Deus. Um profeta ou talvez o próprio Deus encarnado, suado, cansado, com o desodorante *Dove Invisible Dry* vencido, com a mesma camisa, o mesmo casaco, a mesma calça e a mesma cueca seguida e diariamente. Se fosse Deus, após um longo tempo na linha vermelha do metrô, teria poderes para tomar uma ducha, fazer a barba, comer uma grossa fatia de pizza (*feita por mim mesmo, pincelada com requeijão e decorada com cheirosas folhas de manjeriço*), assistindo os *Simpsons*, na Fox, ou um dos intermináveis programas semanais sobre alienígenas, no History, apresentados por Giorgio Tsoukalos, o inusitado e engomado sucessor de Erich Von Däniken. Após isso, dormiria de bruços, sob o ar-condicionado (*quem sabe até sem ele, com as gradeadas janelas abertas*), para despertar frente ao sorriso acalentador de minha mãe, sob o aroma do café forte e das torradas de gergelim, saindo do pesadelo no qual imergi, desde o *dia off*. Não era Deus, não tinha Lúcifer nos braços, nem um profeta ou coisa parecida; não sabia a serventia do *escâner* aferidor das *safras-base*, da REDE, e desconhecia tudo sobre *preceptores*, guardiões cegos das futuras nove *megacidades*; mas os gritos tiveram resposta, quando um policial veio até mim e falou mecanicamente:

— Siga-me.

Militares tomaram as pessoas dos nossos braços, e conduziram-nos pela multidão. A turba se agitou e foi afastada sob cassetetes. Com Elisabeth e Diego atrás, de olhos arregalados, atravessamos portões e chegamos no porto. Um homem de macacão branco e amarelo, óculos e máscaras contra contágio e gases, nos recebeu. Existiam mesas grandes de alumínio anormalmente grandes, rodeadas por pessoas vestidas como ele. Portavam objetos eletrônicos e pranchetas. Havia uma impressora, aparelhos de marcação digital, além de instrumentos cirúrgicos, espátulas e — o que não dei importância no momento, diversas máquinas para cortar cabelo.

Enfim, a grande novidade. Enquanto os bombardeiros militares sobrevoavam o porto, a ponte e a rodovia, seguindo na direção da cidade, recheados de bombas incendiárias, semelhantemente como ocorria com Elisabeth e Diego, fui convidado a deitar numa das mesas. Vi o escâner ser utilizado pela primeira vez. Uma coisinha, ante tudo tão maior por perto. Algo em torno de 15 centímetros, quase a largura de um smartphone. Tinha duas telas e um teclado extensivo e giratório. Na tela maior surgiram números. Vários, mas sempre em sequência. Como dominador da leitura dinâmica, meus olhos captaram os principais, vencendo a velocidade das trocas. Estavam todos ali. Do número 1 até o número 9, misturando-se velozmente. Após isso, outra tela acendeu com as palavras “*safra*” e “*base*”. Um número reluziu e ficou verde, finalizando a tarefa.

— Levem-no — disse o homem que me examinou.

— O que está acontecendo?

Quatro pares de mãos fortes me seguraram:

— O que está acontecendo?

— Levem-no — repetiu.

Olhei para Elisabeth e Diego. Enxerguei pequenas etiquetas metálicas nas suas cabeças agora raspadas, cada uma com um número. Por instinto, levei as mãos ao cabelo, como se isso me protegesse das máquinas. Meu cabelo estava lá. Intacto. Elisabeth e Diego foram levados por pessoas vestidas com macacões para outro setor do porto. Em segundos, a distância se multiplicou, e vi seus rostos aturdidos desaparecerem entre os dos soldados que os conduziram para duas das muitas barcas apinhadas de gente de cabeças raspadas e com a respectiva plaqueta de metal presa no crânio.

Diferente dos meus amigos, aqueles humanos não reagiam. Calados e com ares de subserviência, pareciam conformados, resignados. Decerto, acreditavam que aquela seria uma numeração sanitária necessária para alguma zona livre do contágio, em quarentena.

Apostaria minha última moeda. Sim, eles confiavam nisso. Na mentira, no logro, na trapaça, na fraude, na ilusão. Mal sabiam que aquelas não eram as barcas para a liberdade, mas novas feições de peçonhentas embarcações destinadas aos escravos.

Insubmisso, insisti:

— O que está acontecendo?

Fui colocado à força num jipe militar, enquanto os primeiros acordes dos bombardeiros ressoavam. As bombas estouravam e suas luzes alaranjadas silenciaram o povo por extensos minutos. O anunciado incêndio. Quando cessaram os ataques, as labaredas exibiram-se. Mesmo daquela distância era possível sentir os reflexos, cujas espessas colunas de fumaça, em razão do vento, sopraram sobre o acampamento, dando ares pesados àquela tragédia humana, que certamente acontecia em todo o mundo.

Os aviões deixaram o espaço aéreo da cidade, fizeram curvas e tomaram diversos rumos. Um, entretanto, manteve a rota para o porto, e sirenes anunciaram o perigo, tirando a multidão do transe. Homens e mulheres avançaram e os portões foram rapidamente fechados. Alguns escalaram cercas, mas nem sequer conseguiram subir à metade. Rajadas de metralhadoras e lança-chamas fizeram-nos desabar como folhas. Os que teimavam eram alvos dos cães. Mas nem isso os intimidava. Tentaram outras vezes, mas sem êxito. Balas não tem olhos, uma vez disparadas quase sempre alcançam os objetivos.

Um grande grupo balançou os portões à esquerda e à direita, avançando por duas dezenas de metros, onde existia um declive, mas foi contido com o fogo de lança-chamas e das balas das metralhadoras automáticas. Desceram-me do veículo, perto da rampa, e fui levado ao navio. Olhei para trás, para a zona que antecedia o porto, para a estrada e os portões, onde centenas pisavam em cadáveres e em humanos off. Vi crianças pisoteadas. Avistei mulheres recebendo socos e pontapés. Loucos, na procura da salvação individual, qualquer que fosse a condição de vida no além-mar. Enxerguei, também, os desligados. Como sempre. Espalhados em volta da estrada, com seus rostos e corpos estáticos, desprovidos de reações, com olhos fundos e privados de emoções. Se vivo fosse, Dante Alighieri forçosamente reescreveria a Divina Comédia, introduzindo novo arco de sofrimento ao seu inferno.

Voltei-me. As embarcações entupidas. Pessoas inferiorizadas, submetidas, obedientes e servis. Carneiros teriam reação mais efusiva, mesmo diante de uma matilha. Desnecessário forçar a visão para ver as plaquetas nas cabeças. Reluzentes, retangulares, com o amaldiçoado número das safras-base. Grilhões modernos, em vez de algemas, correntes ou cadeias metálicas nos pulsos e nos pescoços, numa gente estúpida e

silenciosa rumo ao desconhecido, largando os traços de civilidade e liberdade, para ficar o mais longe possível da pandemia. Não vi mais os rostos de Elisabeth e Diego entre os grupos nos navios. Triste despedida. O asco empestou minha boca; quase vomitei. Não mereciam seguir com um povo covarde que não valia um fio do cabelo retirado.

Nisso, no alto, o bombardeiro perdia altura. Buscava meus amigos. Pensava nas multidões. Preocupava-me com os esquecidos. Talvez Leon ajudasse. Era influente. Com ele, alcançaria a OMS. Uma vez lá, relataria sobre o tratamento em Diego. Diria ser possível enfrentar a peste. Criar um dia *On* em substituição do *Off*.

Gritei alucinado:

— EU TENHO A CURA!

A balburdia era mais sonora e potente que minha voz, já rouca. Pouco importava se perderia ou não a voz, pois bradei ainda mais forte em seguida:

— PRECISO FALAR COM LEON GESTO!

Um safanão me calou. Veio do homem que me examinou:

— Você acha que tem a cura?

— Leon Gesto... preciso falar com ele... a OMS precisa saber sobre a cura...

Ele sorriu e sentou-se, sob o farfalhar dos aviões.

— Quer falar com ele? Acha que tem a cura?

Seu olhar era tiranicamente hilário, mas não me importei. Um pensamento invadiu-me e apeguei-me nele como a tabua da esperança após a tempestade:

— *Clube Bomba Populacional*... Leon faz parte do clube... fui membro também...

Ele escutou quieto e olhou para o horizonte, com linhas dividindo sua face. As paredes de chamas faziam fronteiras com o firmamento. A avolumada fumaça parecia desejar o lugar das nuvens.

— Está bem, vamos até ele — disse, por fim, após refletir.

Talvez ele cumprisse a promessa. Até ali não apostaria um único centavo, embora rogasse a Deus e ao diabo para ser realmente levado até a presença de Leon Gesto, e com ele seguir até a OMS. Entretanto, um som agudo roubou a atenção. Como se viesse do inferno, o avião apontou o nariz abrupta e descontroladamente na direção do porto. O choque iminente. Para mim estava tudo claro. Desnecessárias muitas explicações; e nem as receberia, ante a multiplicada surpresa no lugar. Nenhuma dúvida.

A tripulação daquele bombardeiro estava off.